

# O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “milagre econômico”, repressão e censura

Victor Gentilli\*

## Resumo:

Panorama da conjuntura brasileira dos anos 1969 a 1973, marcados pelo “milagre econômico” por um lado e pela repressão mais brutal. Este foi o período de dificuldades dos jornais, do surgimento da imprensa alternativa e do controle da imprensa pela censura.

## Palavras-chave:

“milagre econômico”, Ditadura militar, imprensa alternativa, censura, história

## Abstract:

This paper reviews the Brazilian political and economic situation between 1969 and 1973, a period marked by the “economic miracle” and by a brutal political control. The alternative press flourished in this years while the press faced many difficulties including censorship.

## Key-words:

“economic miracle”, military rule, alternative press, censorship, history

### **A conjuntura econômica**

O que se convencionou chamar “milagre brasileiro” foi um período de rápido crescimento da economia brasileira, entre 1968 e 1973, beneficiando-se de ampliação do comércio mundial e do capital financeiro internacional, num momento em que foram aumentadas excepcionalmente as trocas externas, e os empréstimos estrangeiros, na época a juros baratos.

A expansão da economia desse teve início no Plano de Metas, iniciado ainda com JK. A presença do capital estrangeiro se deu na forma de investimentos diretos e de empréstimos.

O comando da economia no governo do general Emílio Garrastazu Médici esteve nas mãos de Delfim Netto, que estava no poder desde o período da Junta Militar em 1969.

Sua política econômica possibilitou o aumento do crédito ao setor privado e estimulou a produção para o mercado interno, fato que levaria ao círculo virtuoso da economia do período, coincidente com o governo Médici.

Manteve-se assim, a mesma matriz de crescimento do Plano de Metas (repete-se o efeito econômico do desenvolvimentismo da era JK), processo que leva a outro período com aumento de importações

### **A expansão da economia desse teve início no Plano de Metas, iniciado ainda com JK. A presença do capital estrangeiro se deu na forma de investimentos diretos e de empréstimos.**

de 5,4% para 6,6%, e a quase duplicação das exportações. O crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB), no período 1967/1973 atingiu 11,2 % ao ano, atingindo o pico em 1973.

O grande desenvolvimento do período beneficiou desigualmente a sociedade brasileira. Além do crescimento dos setores produtivos, sobretudo aqueles ligados à expansão econômica, também foram beneficiados segmentos de classe média de maior renda.

A renda concentrou-se ainda mais e houve queda real no valor do salário mínimo.

Os salários vão se recuperar gradualmente entre 1969 e 1972, só voltando a crescer o seu poder aquisitivo após 1973, evidenciando a estratégia de arrocho salarial da ditadura como um todo - e particularmente do governo Médici -, como mecanismo para favorecer a acumulação do capital e da renda.

No governo Médici, a euforia do desenvolvimento motivou ampla divulgação do crescimento da indústria automobilística, da produção de bens duráveis, além dos grandes projetos como a hidroelétrica de Itaipu, a ponte Rio-Niterói e a tentativa da construção da rodovia Transamazônica. Essas iniciativas voltadas supostamente ao crescimento industrial chegaram a ser tratadas como objeto de orgulho nacional.

Antes do ápice do desenvolvimento econô-

mico em 1973, a má distribuição de renda no Brasil, chegou a ser criticada pelo Banco Mundial em 1972. A imagem do “crescimento do bolo” para divisão posterior, cunhada por Delfim Netto, foi uma retórica que não se preocupou em camuflar as escolhas políticas realizadas pelo modelo econômico.

### **A conjuntura política**

Politicamente, o período Médici foi o mais duro de todo o regime militar. O prenúncio do que viria acontecer já havia sido anunciado no ano anterior com a decretação do AI-5. Os conflitos políticos tornaram-se mais radicalizados: de um lado, a repressão cada vez mais dura nos porões da ditadura e, de outro, segmentos da esquerda entram definitivamente para a luta armada, promovem seqüestros de diplomatas, tentam articular guerrilha no campo e na cidade.

Estimulados pelas vencedoras guerrilhas cubana e vietcong e também pela “Revolução Cultural” promovida por Mao-Zetung na China, os militantes radicais de esquerda enfrentavam o regime militar com um projeto revolucionário.

O governo Médici tem início em meio ao pleno desenvolvimento dos aparelhos de repressão e “aperfeiçoamento” das estru-

**O fato mais marcante que inaugura o seu governo é o assassinato de Carlos Marighella, líder da ALN (Ação Libertadora Nacional) na semana de sua posse.**

turas paraestatais de repressão e do método de obtenção de informações por meio de torturas, fato que levou a muitas prisões. O fato mais marcante que inaugura o seu governo é o assassinato de Carlos Marighella, líder da ALN (Ação Libertadora Nacional) na semana de sua posse.

Apesar da dura repressão aos militantes clandestinos de esquerda, no ano de 1970 foram realizados o seqüestro do cônsul japonês em São Paulo, do embaixador alemão e do embaixador suíço, todos realizados pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPL), comandada por Carlos Lamarca.

Carlos Lamarca, ex-oficial do Exército e instrutor de segurança de bancos, que desertara, acompanhado de vários outros militares em janeiro de 1969, fugiu de um quartel em Osasco levando armas e munições, escondendo-se na região do Vale do Ribeira, onde criou um foco de guerrilha rural. Por suas ações espetaculares tornou-se um herói da luta armada, mas é morto em setembro de 1971 por agentes de segurança no interior da Bahia.

Lamarca pretendia aderir à luta armada saindo do quartel onde servia num caminhão carregado de armamentos, munição e novos guerrilheiros. Poucos dias antes, o caminhão, que fora roubado e estava sendo pintado num campo de treinamento de

guerrilhas no vale do Ribeiro é descoberto. A grande maioria consegue fugir, mas um militante é preso.

Diante das circunstâncias, o capitão Carlos Lamarca não abdica de seus planos na totalidade. Carrega uma Kombi do Exército, com armas e munição, e sai, normalmente, com ela do quartel. Era um líder querido e admirado no Exército, campeão de tiro. Sua deserção torna o conflito militar muito mais tenso.

Sua morte, assim como de outras principais lideranças e as prisões dos principais quadros da resistência, provocou grandes baixas na luta armada. As sucessivas vitórias da repressão sobre os grupos guerrilheiros da resistência armada vão dando uma nova forma ao quadro político.

Já em 1973, a resistência armada praticamente se esgotara. A única exceção é a guerrilha que o PCdoB mantém na região do Araguaia, uma região de fronteira entre os Estados do Pará, Maranhão e Goiás, sob a orientação de militantes de linha pró-chinesa do PCdoB, que foi dizimada em 1976. O sistema repressivo manteve-se íntegro e a imprensa manteve o mais absoluto silêncio. O que viria a ocorrer no Araguaia apenas anos depois seria de conhecimento da sociedade.

O objetivo da ditadura militar de supre-

**O sistema repressivo manteve-se íntegro e a imprensa manteve o mais absoluto silêncio. O que viria a ocorrer no Araguaia apenas anos depois seria de conhecimento da sociedade.**

macia política sobre seus adversários políticos custou muitas vidas, além dos guerrilheiros mortos em ações de perseguição e luta. Muitos militantes foram assassinados sob tortura e outros em circunstâncias de “desaparecimentos” nunca explicados. Possibilitou, inclusive, o surgimento de um poder paralelo nos porões da ditadura, pela certeza da impunidade.

### **O sistema midiático no período**

O sistema midiático como o que conhecemos hoje, configurado e consolidado na década de 1970, teve seu início nos paradoxos da associação entre modernização produtiva e forte repressão política. Tanto a modernização dos maquinários, quanto a reforma das formas de produção das notícias, além do aparecimento dos surpreendentes jornais alternativos, foram possibilitados pelos processos desencadeados a partir do extraordinário rigor da ditadura e da resistência a ela.

Na imprensa, assim como na política, a década de 1970 foi uma época extraordinariamente rica, complexa e definidora dos caminhos que o país percorreria no futuro. A imprensa, como uma espécie de porta-voz de seu tempo, acompanha as ambivalências do momento. Ora adere ou simplesmente se cala, ora reage, sinalizando para o leitor

os acontecimentos, às vezes buscando sua cumplicidade.

Foi também um período em que um conjunto de fatores e uma feliz conjunção de circunstâncias forneceram as condições que permitiram o surgimento de uma nova realidade midiática no país, com o esplendor da Rede Globo de Televisão.

Entre os fatores desse sucesso, pode-se identificar a emergência do aludido “milagre econômico”, cujo crescimento econômico, aliado aos investimentos estrangeiros em bens de consumo de massa, possibilitaram o aparecimento de um mercado consumidor maior, ao qual podia-se chegar por meio dos anúncios televisivos. Os anunciantes necessitavam alcançar as grandes massas das cidades e injetaram grandes somas de dinheiro em comerciais, que beneficiaram, sobretudo, a expansão das redes de televisão.

Um segundo aspecto que determina essa mudança decorre dos investimentos estatais na Embratel, que permitiram a difusão por satélite e por microondas dos sinais de TV, criando as condições para a chamada “integração nacional”, o surgimento da TV em cores, tecnologia já difundida em outros países, mas nova no Brasil, e o acordo Time-Life que permitiu o acesso a novas tecnologias e o ingresso

**A imprensa, como  
uma espécie de  
porta-voz de seu  
tempo, acompanha  
as ambivalências  
do momento.  
Ora adere ou  
simplesmente se  
cala, ora reage,  
sinalizando  
para o leitor os  
acontecimentos, às  
vezes buscando sua  
cumplicidade.**

maciço de capital na Rede Globo ajudam a compreender o modo como se configurou o panorama midiático no Brasil.

Um terceiro fator - para o sucesso da implantação da Rede Globo no país -, decorre decisivamente das circunstâncias da morte de Assis Chateaubriand em 1968, à qual se seguiu a crise no sistema de condomínio por ele criado.

Tal crise iria gerar um desmantelamento das emissoras de rádio e televisão e jornais do grupo pioneiro da mídia eletrônica no Brasil, os Diários e Emissoras Associados. Hoje, apenas o CORREIO BRAZILIENSE, em Brasília, e O ESTADO DE MINAS, em Minas Gerais, são empresas relativamente rentáveis de um império que já havia tido jornais e emissoras em todas as principais capitais do país.

A TV Globo, revela, entretanto, seu profissionalismo administrativo na comercialização de segundos definidos, na estruturação da grade de programação e na consolidação da rede nacional, apropriando-se da experiência pioneira da TV Rio, dirigida por Walter Clark (Clark: 1991).

Se a TV vivia seu esplendor - pois era muito mais fundada no entretenimento do que na informação; portanto, menos dependente das conjunturas políticas -, as revistas e jornais viviam os “anos de chumbo”.

Para o lançamento de VEJA, jovens de todo o Brasil foram recrutados para treinamento em São Paulo durante meses. A enorme equipe prepara-se cuidadosamente para por nas ruas a primeira revista semanal de informação brasileira. NEWSWEEK, mais que TIME é a base dessa revista, embora Mino Carta, seu criador e primeiro diretor de redação, tenha visitado praticamente todas as grandes revistas semanais do mundo quando ainda trabalhava o projeto de VEJA.

Todo o antigo modo de fazer jornalismo impresso no Brasil será revisto por VEJA. Nos primeiros anos após sua fundação, as matérias não eram assinadas. A leitura da revista dava a impressão de ter sido escrita por uma única pessoa. Isso, porque a redação mantinha uma equipe de copidesques, redatores e editores que tinham um cuidado especial com o texto.

É certo que já com REALIDADE, experimentou-se no Brasil a “editoria de texto”, conforme relata Sérgio de Souza (Faro: 1999). Mas em REALIDADE houve apenas experiência, até porque a revista tinha todos as suas grandes reportagens assinadas. Será em VEJA que o modelo se consolida como padrão para revista semanal.

### **A censura à imprensa**

**Se a TV vivia  
seu esplendor  
- pois era muito  
mais fundada no  
entretenimento do  
que na informação;  
portanto, menos  
dependente das  
conjunturas  
políticas -, as  
revistas e jornais  
viviavam os “anos de  
chumbo”.**

Os jornais, que até 1968 vinham experimentando um novo padrão profissional, menos partidário e mais voltado para o interesse público da cidadania, vêem-se, com a vitória dos militares da linha dura, consagrados pelo governo Médici, de frente com a censura. O JORNAL DO BRASIL que produzira uma edição histórica com a edição do AI-5, com toda a primeira página ludibriando os censores foi um exemplo de resistência imediata ao arbítrio.

O ESTADO DE SÃO PAULO publica seus editoriais como verdadeiros libelos pela liberdade de imprensa, que viria a somar na lista de textos opinativos definitivos da história da imprensa brasileira.

Semelhante ao “Basta” e “Chega”, dois editoriais do CORREIO DA MANHÃ, no final de março de 1964, o editorial “Instituições em Frangalhos”, de O ESTADO DE SÃO PAULO tornar-se-ia o marco da repulsa da opinião pública (ainda não se usava a expressão sociedade civil, mas já era ela que se manifestava) ao endurecimento definitivo do governo perpetrado a 13 de dezembro de 1968.

O Ato Institucional nº 5 que motivaria o O ESTADO a produzir este editorial significava o golpe dentro do golpe e a ditadura total e absoluta.

Esses marcos, que indicam as reações iniciais à ditadura, serão muitas vezes relem-

brados como referências, pois a imprensa, a partir da nova conjuntura política, terá ainda muito a enfrentar para driblar a censura (nos poucos veículos que ousaram resistir). A resistência e a acomodação convivem simultaneamente. Mostravam que os caminhos tinham se tornado muito mais difíceis e tortuosos.

No episódio da ação guerrilheira da ALN - que seqüestrara o embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick -, o noticiário da imprensa, como se imagina, foi amplo e bastante destacado, mas completamente controlado ou censurado. O JORNAL NACIONAL - que entrara no ar no início do mês -, se vê diante de um fato jornalístico digno de uma boa cobertura. E descobre, com fontes militares, o bairro onde se localiza o cativo do embaixador: Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Jornalistas e câmaras se deslocaram para o local, mas a movimentação militar impediu a localização da casa pela imprensa e a cobertura jornalística (Rede Globo: 1985).

Mesmo assim, todos os estudos e relatos ignoram o fato de que, jornalisticamente, o cativo quase foi descoberto pela TV Globo na quarta edição do novíssimo JORNAL NACIONAL, que estreara dia 1º de setembro de 1969. O seqüestro, como se supunha, provoca um recrudescimento da

**Esses marcos, que indicam as reações iniciais à ditadura, serão muitas vezes lembrados como referências, pois a imprensa, a partir da nova conjuntura política, terá ainda muito a enfrentar para driblar a censura (nos poucos veículos que ousaram resistir).**

repressão, que já atingira níveis além da barbárie.

Outro exemplo da resistência da imprensa pode ser observada na atitude da revista VEJA que, aproveitando uma frase de um ministro do presidente Médici condenando a tortura, faz duas edições seguidas tendo a tortura como tema de capa e matéria principal.

### **A Folha, bem comportada**

Até 1968, o grupo Frias-Caldeira produzia jornais para todos os gostos políticos. Da anódina e inexpressiva FOLHA DE S. PAULO à engajada FOLHA DA TARDE; do NOTÍCIAS POPULARES ao ÚLTIMA HORA; as rotativas da Barão de Limeira chegaram a rodar sete títulos diferentes. A FOLHA DE SÃO PAULO, até então um jornal anódino, inexpressivo, comporta-se da maneira mais educada possível durante os anos mais duros da ditadura e da censura. Segundo vários testemunhos, aceita, de forma passiva e dócil, todas as determinações militares.

Sua submissão inequívoca aos ditadores de plantão - ao contrário de seu tradicional concorrente na capital paulista - representa até certo ponto o bom senso daqueles que tem consciência de que o jornal ainda não se credenciara como instituição da sociedade civil. O que faria poucos anos mais tar-

de.

### **Censura arbitrária e censitária**

O ESTADO DE S. PAULO – e seu filhote, o JORNAL DA TARDE -, já terá uma posição muito mais digna. Depois do editorial do dia do AI-5, o jornal se aquieta, porque a ditadura se aquieta em relação a ele, mas no apogeu do governo Médici enfrenta o poder militar abertamente e de todas as formas.

O jornal recusa-se a fingir normalidade, como faz a FOLHA DE S. PAULO e todos os demais jornais brasileiros o fizeram. A censura torna-se visível, perceptível e detectável. O governo, oficialmente, negava a existência de censura. Formalmente. De modo que evidenciar no jornal que este é censurado é um ato de coragem e de resistência.

Em outras palavras, O ESTADO DE S. PAULO tinha cacife para enfrentar a ditadura; a FOLHA DE S. PAULO, não. Esta distinção é fundamental para qualquer análise do período, posto que os atributos que os jornais constroem no decorrer de sua história vão definir sua respeitabilidade, sua credibilidade, sua força política, sua importância como porta-voz de segmentos sociais ou da própria sociedade civil. E a FOLHA DE S. PAULO, naquele momento, não

**A censura torna-se visível, perceptível e detectável. O governo, oficialmente, negava a existência de censura. Formalmente. De modo que evidenciar no jornal que este é censurado é um ato de coragem e de resistência.**

possuía nenhum desses atributos decisivos para um jornal influente.

### **A resistência**

Em São Paulo, o grupo O ESTADO DE SÃO PAULO resiste. Se não é possível enfrentar a censura, que ela se torne ostensiva, então. Em agosto de 1972, a censura retorna ao jornal com toda a força, depois da presença ostensiva que ocorrera logo após a promulgação do AI-5. Os diretores decidiram que, no espaço destinado às matérias censuradas, sairiam poemas de Camões (Os Lusíadas) em O ESTADO DE S. PAULO e receitas culinárias (que não necessariamente resultavam em bons pratos) no JORNAL DA TARDE.

No Rio de Janeiro, os primeiros anos da década de 70 consolidam o JORNAL DO BRASIL como um jornal moderno, inteligente, compatível com as novas tendências do jornalismo diário e com as circunstâncias do Brasil da época. A sintonia fina entre o JORNAL DO BRASIL e seus eleitores era impressionante. Fora do eixo Rio-São Paulo, o modelo a ser copiado, imitado, plagiado, era o do JORNAL DO BRASIL.

O golpe de Augusto Pinochet no Chile derruba o governo constitucional de Salvador Allende no dia 11 de setembro de 1973. A censura proíbe que a informação seja manchete. O JORNAL DO BRASIL, que já fizera uma edição histórica no dia mesmo da decreta-

ção do AI-5 lança uma edição sem manchete. Um único bloco de texto ocupa toda a primeira página relatando os episódios dramáticos no Chile. Pouco depois, Alberto Dines é demitido do JORNAL DO BRASIL.

### **Sem resistências**

Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira tocam seus jornais e cuidam também da Estação Rodoviária de São Paulo. Um cartório obtido no passado e que – a despeito da absoluta inconveniência urbana e técnica –, preservava-se nos Campos Elíseos, centro da capital, graças ao apoio do prefeito Paulo Salim Maluf, é um estratégico negócio para a circulação dos jornais do grupo.

O fato, na realidade, é que o Grupo Folhas dispunha de um esquema de distribuição, com kombis, caminhonetes e caminhões, com hora e tiragem certa para chegarem antes do concorrente em todas as principais cidades de São Paulo. Para o jornal, o horário de fechamento era sagrado, pois dele dependia o cumprimento do horário de impressão e de distribuição.

### **A imprensa alternativa**

O PASQUIM, que tinha sido lançado em 1969, tornara-se um jornal de grande sucesso e suas vendas chegariam a alcançar os 200 mil exemplares em alguns poucos

**Os diretores decidiram que, no espaço destinado às matérias censuradas, sairiam poemas de Camões (Os Lusíadas) em O ESTADO DE S. PAULO e receitas culinárias (que não necessariamente resultavam em bons pratos) no JORNAL DA TARDE.**

meses. O hebdomadário abre uma trilha de imprensa alternativa, consagrando uma das marcas da resistência típica da imprensa nos “anos de chumbo” devido a sua independência em relação aos grandes grupos midiáticos do país.

O PASQUIM vai produzir um enorme impacto cultural no jornalismo brasileiro. Sua linguagem debochada e direta, suas entrevistas, transcritas literalmente, tudo isso era novidade e foi extremamente bem recebida pelo público. Boa parte de suas novidades na linguagem estava incorporada no padrão da linguagem jornalística em todo o país.

É possível especular que o impacto da linguagem de O PASQUIM no resto da imprensa seja de dimensão semelhante, ou talvez até maior do que o da difusão do lead, pelo DIÁRIO CARIOCA, em 1950. O fato é que ambas as mudanças de texto em pouco tempo se disseminaram e passaram a constituir padrão de linguagem jornalística.

### **Dualismo quebrado com OPINIÃO**

O marasmo desses primeiros anos da década é quebrado com o lançamento do semanário OPINIÃO. No dizer de Fernando Gasparian, “a juventude brasileira só tinha duas opções: a luta armada ou as drogas”. Depois do PASQUIM e antes do OPINIÃO surgi-

ra FATO NOVO e POLITIKA. Mas ambos não conseguiram chegar perto do impacto que significou o lançamento de OPINIÃO. (Dines: 2000 – Vol 1)

FATO NOVO reunia um grupo de nacionalistas, simpatizantes da candidatura do general Albuquerque Lima, que disputou a Presidência, conforme já narrado. O jornal chegou a pedir em manchete a aplicação do AI-5 em defesa de causas nacionalistas. Não era propriamente um jornal oposicionista, embora jornalistas de oposição como Milton Coelho da Graça, militante do PCB, dele participassem.

POLITIKA também era um jornal nacionalista, mas expressava, sobretudo, a personalidade de Sebastião Nery, que mais tarde ficaria conhecido por suas coletâneas de folclore político.

OPINIÃO surge nos moldes dos modelos ingleses de jornalismo semanal, fleumáticos, sérios, sisudos que marcariam a história do semanário. Fernando Gasparian, seu proprietário, consegue contratos de reprodução de grandes jornais europeus, como o LE MONDE, THE GUARDIAN e outros. Localmente, monta um projeto gráfico simples, bastante elegante e marcante. Como diz Bernardo Kucinski, cada capa é um marco como imagem. (Kucinski: 1991)

**O PASQUIM vai produzir um enorme impacto cultural no jornalismo brasileiro. Sua linguagem debochada e direta, suas entrevistas, transcritas literalmente, tudo isso era novidade e foi extremamente bem recebida pelo público.**

### **O “vazio cultural”**

Nos anos que antecederam o endurecimento da ditadura, a produção cultural brasileira atingiu um padrão bastante elevado, na música, no cinema, nas artes plásticas, no teatro, enfim em todas as manifestações culturais. A efervescência cultural era enorme. E tudo, inclusive e principalmente a cultura, era extremamente politizado. Não à toa, o mais famoso espetáculo teatral ainda do ano de 1964 mas já posterior ao golpe foi o Opinião, com Zé Kéti e Nara Leão.

Com a promulgação do AI-5, aparentemente, essa produção diminuiu. Hoje se sabe que a produção teatral manteve-se alta, mas com dificuldades devido à censura, o mesmo ocorrendo com a música. Músicos hoje consagrados, como Chico Buarque, Gilberto Gil e tantos outros viviam de shows patrocinados por centros acadêmicos de universidades. A imprensa chamava esses espetáculos de “roteiro universitário”.

A discussão sobre o vazio cultural, na época foi um dos grandes debates produzidos pela revista VISÃO, uma revista quinzenal, que procurava enfrentar os grandes temas do momento e, aparentemente, não tinha problemas com a censura, embora boa parte de seus jornalistas fossem simpatizantes ou militantes do Partido Comunista Brasileiro, o PCB.

Ficou famosa a edição de VISÃO sobre o vazio cultural, com textos não assinados de Vladimir Herzog, Zuenir Ventura e outros. Pouco depois, enquanto a ditadura festejava, em setembro de 1972, o sesquicentenário da Independência, VISÃO viria com uma edição especial bastante crítica da independência brasileira.

### **Folha inicia renovação**

Com a iminência de início do governo Geisel, o grupo Frias-Caldeira libera Cláudio Abramo para tocar abertamente o projeto de renovação da FOLHA DE SÃO PAULO. Cláudio Abramo recruta Alberto Dines, que saíra do JORNAL DO BRASIL e ficara um ano nos EUA acompanhando o desempenho da imprensa neste período pós-Watergate.

O jornal cria a página 2, com editoriais, charge e três pequenos artigos, um originário de Brasília, um do Rio de Janeiro e um de São Paulo. Em sua essência, a mesma página de hoje.

Poucos meses depois, vem a chamada op-ed (Página oposta aos editoriais), com o nome de Tendências e Debates, igualmente, em essência mantida até hoje.

A reforma da FOLHA aparentemente começa com o surgimento das páginas 2 e 3. Mas as primeiras medidas começam an-

**Com a promulgação do AI-5, aparentemente, essa produção diminui. Hoje se sabe que a produção teatral manteve-se alta, mas com dificuldades devido à censura, o mesmo ocorrendo com a música.**

tes, com as atividades de Cláudio Abramo como coordenador de produção. Abramo trabalhava na sombra. Ia montando a equipe da FOLHA DE S. PAULO, ia preparando o jornal para a grande reforma que viria, mas já cuidava de montar uma estrutura de reportagem de qualidade.

A censura impediu que esse trabalho aparecesse durante a cobertura da epidemia de meningite em São Paulo em 1973 – e Cláudio Abramo sabia que uma boa cobertura jornalística era fundamental para o próprio controle da mesma, que cresceu e se disseminou assustadoramente, sobretudo, graças à desinformação dos cidadãos.

Por outro lado, nos episódios dos enormes e monstruosos incêndios dos edifícios Andraus, em 1972; e Joelma, em 1974, o jornal pode mostrar sua capacidade de reportar os fatos e apresentá-los de forma clara ao leitor. A cobertura desses incêndios foram dois momentos em que a FOLHA DE S. PAULO apresentou-se ao leitorado diferenciada dela mesma naqueles tempos.

### **Estado, centenário e crise**

No dia da comemoração do seu centenário, O ESTADO DE SÃO PAULO vê a censura prévia ir embora do jornal. Mas junto com a perda da censura, o jornal ganha uma crise econômica decorrente do enorme investi-

mento em dólares que a empresa realizou para construir sua nova sede na marginal do Tietê. A mudança para a nova sede implica logo num primeiro momento um conflito entre jornalistas e engenheiros, sobre as normas e procedimentos editoriais.

Mas o ESTADO deste período é um jornal forte, um jornal de opinião, um jornal de reportagem. Ao contrário da Folha, os editoriais do ESTADO sempre impactam. E, se neste período o país inicia o debate esta-tização versus privatização – debate que em certa medida prevalece como tema forte até hoje – será o ESTADO que trará a questão para a opinião pública.

O assunto virá em editoriais, em entrevistas com personalidades, em artigos – em especial os de Fernando Pedreira – e também na reportagem.

O então chefe de reportagem Ricardo Kotscho – que mais tarde viria a ser o assessor de Lula em suas campanhas eleitorais – ganha o principal Prêmio Esso de 1975 com uma série de reportagens mostrando o desperdício de gastos de ministros e dirigentes de empresas estatais em Brasília nesse período. A expressão “mordomia”, antes acolhida discretamente apenas pelos dicionários, passa a compor o vocabulário do linguajar popular.

**Abramo trabalhava na sombra. Ia montando a equipe da FOLHA DE S. PAULO, ia preparando o jornal para a grande reforma que viria, mas já cuidava de montar uma estrutura de reportagem de qualidade.**

**\* Victor Gentili**

O autor é jornalista, doutor pela USP professor da Universidade Federal do Espírito Santo, editor da área acadêmica do Observatório da Imprensa e diretor-administrativo da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

**Bibliografia**

- ABRAMO, Cláudio. – A Regra do Jogo, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, 270 pgs.
- BARDAWIL, José Carlos. – O Repórter e o Poder – Uma autobiografia. Entrevista a Luciano Suassuna, São Paulo, Editora Alegro, 1999.
- BRAGA, José Luiz. – O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba, Brasília, Editora UnB, 1991.
- CHAGAS, Carmo; MAYRINK, José Maria; PINHEIRO, Luiz Adolfo. – 3X30 Os Bastidores da Imprensa Brasileira, São Paulo, Best Seller, 1992.
- CLARK, Walter. – O Campeão de Audiência. Uma Autobiografia. Com Gabriel Priolli. São Paulo, Editora Best Seller, 1991..
- DINES, Alberto. – O Papel do Jornal: uma releitura, São Paulo, Summus Editorial, 1986, 158 pgs.
- FARO, José Salvador. – Revista Realidade 1966-1968. Tempo de reportagem na imprensa brasileira, Porto Alegre, Editora da Ulbra, AGE Editora, 1999, 285 pgs.
- GARCIA, Alexandre. – Nos bastidores da notícia, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. – Jornalistas e Revolucionários nos tempos da imprensa alterntiva. São Paulo, Scrittta Editorial, 1991, 399 pgs.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. – O Adiantado da Hora: a influência americana sobre o Jornalismo Brasileiro, São Paulo, Summus, 1991..

MACHADO, J. A . Pinheiro. – Opinião X Censura: momentos da luta de um jornal pela liberdade, Porto Alegre, L&PM, 1978.

MARCONI, Paolo. – A Censura Política na Imprensa Brasileira: 1968-1978, 2ª Edição revista, São Paulo, Global Editora, '1980.

MARQUES DE MELO, José. – Sociologia da Imprensa Brasileira, São Paulo, Vozes, 1973.

MÉDICI, Roberto Nogueira. – Médici: o depoimento, Rio de Janeiro, Mauad, 1995

MORAIS, Fernando. – Chatô, o rei do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 732 pgs.

MOREL, Edmar. – Memórias de um repórter. São Paulo, Record. 1999.

PEDREIRA, Fernando. – A liberdade e a ostra, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976

REDE GLOBO, 15 anos de história, Rio de Janeiro, TV Globo Ltda, 1984, 351 pgs.

SKIDMORE, Thomas E. – Brasil, de Castelo a Tancredo, Paz e Terra, 1988

SODRÉ, Nelson Werneck. – A História da Imprensa no Brasil, São Paulo, Civilização Brasileira, 1966, 583 pgs.